

Feminino em trânsito

por Agda Sardenberg, Bianca Giusti, Maria Carolina Accioly, Silvia Gonçalves¹

O grupo de trabalho e pesquisa *O feminino e o imaginário cultural contemporâneo*, fundado e coordenado por Silvia Alonso, desde 1997, propõe-se a investigar a temática do feminino na atualidade, articulando questionamentos da clínica às questões culturais da contemporaneidade. Estas investigações incluem estudos teóricos sobre variados temas de pesquisa sempre articulados a uma escuta sensível dos fatos que ocorrem em nossa sociedade. Temas como gravidez assistida, gravidez na adolescência, corpos na contemporaneidade, estética da magreza, menopausa, entre outros, já foram investigados, algumas vezes em parcerias com outras instituições. Desde então foram produzidas jornadas temáticas que contaram com a participação de membros do Departamento, gerando a publicação de três livros. Produzimos agora em 2022 o quarto livro, *Feminismos em trânsito*, que relata um processo de investigação realizado ao longo dos últimos quatro anos, e que nesse texto pretendemos contar um pouco desse percurso e das questões emergentes para serem compartilhadas e pensadas coletivamente.

Os efeitos sociais, políticos e subjetivos pós junho de 2013 foram complexos e abrangentes. O movimento plural que ocupou as ruas num primeiro momento abrangia diversas pautas e mobilizou a retomada política de corpos nas ruas, novos discursos e o inovador papel das redes sociais. Ao mesmo tempo, vimos surgirem/intensificarem-se discursos de ódio e seus efeitos totalizantes nas novas mídias, produzindo bolhas identitárias com pouca tolerância à diversidade. Notoriamente a extrema direita passou a ocupar um espaço cada vez maior no cenário político e cultural brasileiro.

Estávamos em nosso grupo inquietas/os e atentas/os com o acirramento das discussões contemporâneas pautadas nas lutas identitárias e com as emergentes formas discursivas mais totalizantes e fanáticas. Um desdobramento de junho de 2013 foi um engajamento dos jovens nas pautas políticas, que desembocou nas ocupações de escolas por estudantes secundaristas nos anos de 2015 e 2016. Naquele momento, mobilizadas/os pelos acontecimentos, realizamos um trabalho de escuta de jovens através de rodas de conversas.

Estávamos interessadas nas modalidades distintas de organização discursivas - o discurso totalizante², o qual busca restituir o eu ideal e não opera a castração simbólica, e o discurso discriminante, que se constitui a partir do ideal de eu e não se pretende como total e completo, carregando a

possibilidade de um saber incompleto, aberto para trocas. As elaborações e os efeitos dessa roda nos ajudaram a transitar e definir nosso tema para pesquisa.

Esse texto consta na publicação atual por ter sido um precursor dessa investigação, tanto pela metodologia como pelo conteúdo, pois nas rodas apareceu a relação das/os adolescentes com os feminismos. O feminismo pode ser definido como movimento social emancipatório que visa a libertação das mulheres da exploração e dominação presentes na organização patriarcal e a conquista de maior igualdade de direitos. Ao falarmos em feminismos no plural nos referimos tanto aos diferentes momentos históricos que marcaram reivindicações singulares quanto às diferenças culturais e sociais (raciais, étnicas, religiosas, identitárias). Pretendíamos, portanto, explorar esse significante na vida das mulheres.

Com o intuito de escutar mulheres de diferentes faixas etárias, propusemos rodas de conversas mediadas por duas psicanalistas. Na roda de adolescentes, escutamos mulheres e homens e contamos com uma dupla de analistas formada por um homem e uma mulher. Utilizamos fotos (que retratavam acontecimentos sociais variados, incluindo mulheres em diferentes situações) como disparadoras, convidando toda/os a falarem sobre suas experiências de vida e suas relações com o feminismo. Cada roda consistiu num único encontro com a duração de duas horas. Após a realização das rodas, uma terceira colega se associou à dupla de psicanalistas no intuito de ampliar a discussão e a reflexão. Esse projeto foi tecido junto à pesquisa teórica além de uma seleção de matérias de algumas mídias do país.³ A análise deste material resultou na produção de cinco textos.

A escolha do dispositivo das rodas de conversa possibilitou a construção de um espaço de encontro com a alteridade e com o inesperado. Mesmo utilizando questões e imagens como estímulo para as conversas, ou seja, partindo de alguns contornos, percebemos nas rodas uma pluralidade de vozes. A circulação da palavra entre os participantes produziu um efeito de escuta, de ampliação do campo do pensar coletivo e diverso, e de sustentação da possibilidade de emergência e elaboração de conflitos e tensões.

Nessas rodas a profusão de narrativas pessoais compartilhadas abordou inúmeras experiências vividas e reflexões levantadas. Das questões emergentes destacamos: a transmissão geracional, a trama identificatória do “tornar-se mulher” e o lugar do homem nesses discursos, a sexualidade e a violência.

Como as rodas eram compostas por faixa etária, foi possível perceber como cada geração (dessa pequena amostra) se relaciona com os discursos e com as

lutas feministas. Interessante notar que mesmo as mulheres que não se identificavam como feministas, reconheciam como feministas mulheres da outra geração: mães e avós falando da coragem e ousadia de suas filhas ou netas ou filhas reconhecendo em suas mães pioneirismo nos movimentos emancipatórios.

Como, por exemplo, na fala de uma das participantes da roda de mulheres entre 20 e 30 anos, que reconhece a trajetória da própria mãe que esperou criar as filhas, garantindo o estudo delas, para só depois ela mesma estudar e construir uma carreira. Ela diz: “Mas minha crise é: eu sempre fiquei estudando, graduação, pós e tudo mais. Na correria, eu vi minha mãe sobrecarregada com os afazeres e 'que tipo de que feminista eu sou, se minha mãe está aqui se virando sozinha pra cuidar dessa casa?' Minha crise pessoal era essa: 'ok, estou me fortalecendo, estou me empoderando enquanto mulher, mas e minha mãe? E minha grande companheira?’”

Na roda de mulheres com mais de 60 anos, uma mãe comenta que a filha militante “sofre retaliação porque assumiu uma posição feminista” dificultando as relações afetivas com os homens. Esse reconhecimento entre mulheres de diferentes gerações aponta o aspecto transgeracional das heranças históricas e simbólicas e a potência da resignificação quando as narrativas circulam.

Os discursos feministas, assim como o machismo estrutural, aparecem nas falas costurados nas tramas identificatórias. Escutamos o reconhecimento das conquistas e das reivindicações feministas - como os direitos civis (educação, voto, emprego, direito à propriedade, ao divórcio, entre outros), os direitos sexuais e reprodutivos (maior liberdade em como se vestir, em como se relacionar, na escolha dos métodos contraceptivos), a força da interseccionalidade⁴ determinando diferentes eixos nas lutas feministas (gênero, raça, classe social).

Também circularam algumas críticas diretas ou indiretas ao feminismo, tanto por receio de retaliações, como por identificação aos discursos hegemônicos da herança patriarcal. Um exemplo disso foi na roda das mulheres entre 30 e 50 anos. Algumas mulheres, que trabalhavam inclusive na defesa dos direitos das mulheres e se percebiam, por um lado, herdeiras das conquistas feministas, e por outro, assustadas e desamparadas diante dos efeitos de tais conquistas (maior autonomia, independência financeira, outra relação com a escolha da maternidade), apresentaram uma visão por vezes moralista em relação à liberdade das gerações mais jovens. Foi interessante perceber, nessa roda, como o discurso de empoderamento parecia encobrir a emergência da angústia frente ao desamparo. Uma das participantes disse: “minha mãe me explicou, cuidado porque se você for presa não tem fila de visita. Eu não vou te visitar, não tem filha aí.” E outra participante dessa mesma roda

reconheceu: “nós ainda somos muito machistas, e educamos nossos filhos dessa maneira.” Isso nos leva às questões da sexualidade e da violência, temas presentes em todas as rodas. Na roda das mulheres de 60 anos apareceu mais a questão da violência associada à luta política pela democracia e a forma como havia desigualdade entre homens e mulheres mesmo no interior dos movimentos políticos por emancipação social; na roda entre 30 e 50 anos, os relatos que essas mulheres escutavam no trabalho com mulheres e meninas vítimas de violência, ou seja, apareceu com força mas com distanciamento; na roda das mulheres de 20 anos, escutamos narrativas pessoais dos casamentos violentos de suas mães e a força dessas mães para protegerem as filhas; e na roda das/os adolescentes, única roda mista, o tema da violência emergiu em relatos sobre a objetificação do corpo da mulher, ainda mais da mulher negra, e a questão dos corpos dissidentes de gênero.

Esse tema transversal se tornou um capítulo do livro. Ao compartilhar e ressignificar coletivamente uma experiência que só a posteriori foi nomeada como estupro por uma das participantes de uma roda, foi possível a todas as participantes conversarem sobre as ambivalências do desejo e da violência nos encontros sexuais e nas relações afetivas. A partir de um relato pessoal se abriu a discussão de como a cultura do estupro naturaliza uma pulsão sexual viril e supostamente incontrolável no homem e como essa naturalização muitas vezes justifica a violência sistêmica e epidêmica contra as mulheres. Ou seja, o dispositivo da roda de conversa operou nesse ponto no qual o pessoal é político, de forma que cada relato compartilhado carrega em si o singular e o coletivo.

As diferenças entre os feminismos também apareceram nas rodas de conversa, tanto diferenças geracionais, as chamadas ondas feministas, como as articulações do feminismo às amplas e complexas lutas político-sociais, a pluralidade das lutas identitárias, os feminismos das diferenças, a importância da interseccionalidade principalmente no feminismo negro e indígena e nos debates sobre gênero e população LGBTQIA+.

Além das rodas de conversa fizemos uma pequena seleção de conteúdos midiáticos, como um “radar” de discursos contemporâneos sobre os feminismos. Esse mapeamento evidencia que a democratização do espaço público, tanto nas ruas como no espaço virtual, abarca a complexidade que escutamos nos discursos. Ao mesmo tempo que as redes trazem um acesso mais democrático, também se mostram mais autoritárias produzindo bolhas identitárias por vezes fanáticas.

Em que medida a circulação da palavra amplia espaços de diversidade e aberturas democráticas, e em que medida a palavra pode ecoar sem circulação, sem escuta, e se massificar e cristalizar nos fanatismos?

Nesse contexto, vale retomar o sentido da palavra fanatismo. Seu significado no dicionário é: “zelo religioso obsessivo que pode levar a extremos de intolerância; faccionismo partidário; adesão cega a um sistema ou doutrina; dedicação excessiva a alguém ou algo; paixão”. Um dos significados seria paixão. Essa forma indomável de Eros que pode se manifestar também enquanto ódio. Em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud fala da paixão como uma economia pulsional específica na qual a libido desmesurada provoca uma idealização do objeto amado e dessa forma a capacidade de pensar com discernimento ou distanciamento se esvai.

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud ressalta o quanto o agrupamento de sujeitos enquanto massa em torno de uma marca identitária poderia produzir efeitos de fechamento. Em um jogo erótico de identificação e estranhamento, por via de ideais compartilhados, a estruturação das massas implicaria o outro ou a alteridade como ameaça, facilitando a distinção entre um “nós” e um “outro”. Ao procurar preservar o narcisismo de uma certa unidade, a massa colocaria o outro no lugar do estranho, facilitando radicalismos e intolerâncias.

Ao mesmo tempo, e *gostaríamos de salientar aqui mais esse aspecto*, os laços libidinais, o amor como fator civilizatório, como Freud salienta nesse texto, mostram a força desejante no fazer coletivo.

As diferenças e semelhanças entre os termos grupo, massa, coletivo⁵, multidão⁶ se mostram relevantes e variáveis. Nas rodas de conversa que fizemos nos últimos anos (com adolescentes secundaristas e as rodas sobre feminismos) escutamos que as questões identitárias nos grupos podem provocar movimento, tensões entre aberturas e fechamentos, e nos colocam, a todas/os/es, em trânsito.

Esse percurso investigativo fez polimorfia com a palavra trânsito. Falamos em feminismos em trânsito, subjetividades em trânsito, trânsito entre gerações, entre gêneros, entre discursos, entre as pessoas. Trânsito como um modo de pensar e método de investigar em grupo, que a cada pesquisa se coloca em movimento para chegar em novas perguntas, novas inquietações clínicas. A escuta clínica é o que provoca as questões teóricas a se manterem em movimento entre nós. Daí o título do texto hoje, *Feminino em trânsito*.

Nesse momento, entre pesquisas, o grupo do feminino segue em seu transitar iniciando novas investigações e dando prosseguimento aos estudos sobre feminilidade.

Bibliografia:

ALONSO, S., BREYTON, D., CAMPOS, M. (orgs) . *Feminismos em trânsito*. São Paulo: Zagodoni, 2022.

BLEICHMAR, H. O narcisismo - estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

FREUD, Sigmund (1921). Psicologia de grupo e a análise do ego. Em: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1930). O mal-estar na civilização. Em: *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. 18, São Paulo: Cia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1914). Introdução ao narcisismo. Em: *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. 12, São Paulo: Cia das Letras, 2010.

PANACHÃO, A. L. Vozes dos feminismos - *Revista Percurso* vol. 68. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae.

¹ Psicanalistas, membros do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, integrantes do grupo de trabalho e pesquisa O feminino e o imaginário cultural contemporâneo.

² Hugo Bleichmar.

³ Além dos participantes da pesquisa e autores dos textos, convidamos por fim, alguns colegas do nosso Departamento para uma leitura crítica e colaborativa. As referências desses autores e interlocutores constam na publicação *Feminismos em trânsito*, e na resenha da Revista Percurso n. 68.

⁴ Conceito que demonstra a inseparabilidade estrutural entre o racismo e as questões de gênero e classe social.

⁵ Segundo Jean Oury “a lógica do Coletivo não é uma lógica de simples discursividade, não é uma lógica da serialidade, nem mesmo uma lógica de simples ‘gestalt’, mas uma lógica que respeita uma *quase infinidade de fatores para cada um*” (Oury p. 20, grifo nosso)”
<https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/107621/106028>

⁶ Multidão enquanto multiplicidade de singularidades, como esse “conceito de classe” segundo Antonio Negri: “A multidão está engajada na produção de diferenças, invenções e modos de vida. Deve, assim, ocasionar uma explosão de singularidades. Essas singularidades são conectadas e coordenadas de acordo com um processo constitutivo sempre reiterado e aberto. Seria um contra-senso exigir que a multidão se torne a “sociedade civil”. Mas seria igualmente ridículo exigir que forme um partido ou qualquer estrutura fixa de organização. *A multidão é a forma ininterrupta de relação aberta que as singularidades põem em movimento.*” (grifo nosso, O QUE É A MULTIDÃO? Questões para Michael Hardt e Antonio Negri - Nicholas Brown e Imre Szeman, tradução do inglês de Milton Ohata)

Ver também: <https://www.revistas.usp.br/espinosanos/article/view/83773/86674>